

Baptista-Bastos

Elegia para Um Caixão Vazio

Oficina do Livro

Ler ou reler *Elegia para Um Caixão Vazio*, de Baptista-Bastos, é sempre uma desafiante viagem à memória de um país (Portugal). Este romance (revisto e re-editado à data deste texto) não se enclausura, porém, no tempo histórico, embora focalize encantos e desencantos da geração de sessenta que depois dos cravos de Abril toma o pulso aos ideais, às lutas, aos riscos, a falhanços e desesperanças. O grande confronto do homem com as suas interrogações e impossibilidades acaba, no entanto, por criar, nesta obra, a intemporalidade e ganha significados atualíssimos (nomeadamente os de vazio e solidão), revigorando igualmente a urgência de um texto no qual o autor-narrador confere ao sonho (mesmo que dele tente expulsar-se) a essência das utopias e, sobretudo, o lugar primordial da construção de uma identidade humana feita de todos os contrários: virtudes e defeitos, ponderação e desmando, amor e fingimento, gozo e tédio, convicção e perplexidade, transparências e lixos, liberdade e invisíveis algemas. Deste romance de Baptista-Bastos disse o ensaísta Eduardo Lourenço: « (...) um livro notabilíssimo que nos toca, nos prende, nos comove, um livro de libertação e de vida.» Seria impossível definição mais ajustada, caracterizando tão bem a escrita de quem domina o sentido e o ritmo da linguagem, sem deixar nenhuma palavra ao acaso, tão-pouco nos acasos da trama que intensificam o realismo, em especial as teias do sexo e os labirintos do álcool.

Elegia para Um Caixão Vazio prova também a perícia de Baptista-Bastos na depuração da narrativa e no modo como desdobra as reflexões sociais, políticas e culturais do protagonista Bastos, jornalista e escritor que pretende fazer um romance sobre «uma revolução que se perdeu a si mesma». Esses desdobramentos (elegendo personagens femininas), tal como o amor pela família e por Lisboa, pertencem à inteireza de um autor que tem no sangue e no pensamento a alma das palavras.

© MARIA AUGUSTA SILVA